

Articulação de táticas para apoiar projetos que visam a Conservação da Sociobiodiversidade

Articulation of tactics to support projects aimed at the Conservation of Sociobiodiversity

VIANA, Adson Pinheiro Queiroz; Mestre; Universidade do Estado de Minas Gerais - adson.queiroz12@gmail.com

REZENDE, Edson José Carpintero; Doutor; Universidade do Estado de Minas Gerais - edson.carpintero@uemg.br

NORONHA, Raquel Gomes; Doutora; Universidade Federal do Maranhão - raquel.noronha@ufma.br

Este artigo revisa bibliografias de forma narrativa para auxiliar aqueles que buscam considerar outras ontoepistemes em seus projetos. Seu objetivo é articular conceitos para criar estratégias/táticas que visam a conservação da sociobiodiversidade. A abordagem da metadisciplina é utilizada como método desta pesquisa qualitativa para construir sentidos por meio das diretrizes: possibilidades, objetivos, composição, cooperação, metodologia, realização, reflexão, avaliação e consciência. O resultado desta configuração são relações entre conceitos e projetos mediados por ações co-participativas e evolutivas que superam emergências e cultivam perspectivas, atitudes e posturas, e possibilitam mobilizações e novas formas de autonomia. É uma forma de contribuir e impulsionar aqueles que buscam destacar as diversidades, valorizar os processos e estruturas que se correlacionam e gerar movimentos que buscam: reverter o *status quo*, impulsionar outras verdades persistentes e contribuir para a emancipação do pensamento e do fazer Design.

Palavras-chave: Design Emergente; Educação Atencional; Dispositivos Táticos/Estratégicos; Conservação da Sociobiodiversidade.

This article narratively reviews bibliographies to assist those who seek to consider other ontoepistemes in their projects. Its objective is to articulate concepts and tactics to create strategies aimed at the conservation of sociobiodiversity. The “metadisciplina” approach is used as a method in this qualitative research to construct meaning through the guidelines: possibilities, objectives, composition, cooperation, methodology, realization, reflection, evaluation, and conscience. The result of this configuration is conversations between concepts and projects mediated by co-participative and evolutionary actions that overcome emergencies and cultivate perspectives, attitudes, and postures, and enable mobilizations and new forms of autonomy. It is a way of contributing to and boosting those who seek to highlight diversities, value the processes and structures that correlate, and generate movements that seek to: reverse the status quo, boost other persistent truths and contribute to the emancipation of thinking and doing Design.

Keywords: *Emergent Design; Attentional Education; tactical/strategic devices; Conservation of Sociobiodiversity.*

1 Introdução

Ainda no século XVII o planeta Terra era reconhecido pela integração de todas as formas de vida e pelo equilíbrio climático. Atualmente sua configuração revela conjuntos de graves intervenções, provocadas por coletivos humanos civilizados, que podem ser observadas nos processos biogeoquímicos. Há uma convenção que a atual época do período vigente (Antropoceno), emergiu de pensamentos e produções que têm em vista o desenvolvimento da cultura industrial que vai além das necessidades humanas e dos seus instintos imediatos, a subordinação de elementos não-humanos e o afastamento da política (CRUTZEN; STOERMER, 2000; HARAWAY, 2016; LATOUR, 2020; TSING, 2019).

O formato antropocêntrico está fundamentado em uma tradição filosófica ocidental e está amparado pela razão, técnica e ciência moderna. Para Santos (2020) essa lógica tem bases no capitalismo, no colonialismo e no patriarcado. O pensamento moderno inculca conteúdos ou competências de um indivíduo ou de uma geração para outra, mas retira a importância da vida social, ou seja, é um legado redutor de pluralidades e autodestrutiva que tem evoluído como instrumento para servir aos desejos do “homem desenvolvido”, não levando em conta a incorporação ecológica.

A aparente perda da capacidade ética de pensar e agir com responsabilidade tem revelado subtrações em toda a sociobiodiversidade, gerando cada vez mais incertezas e riscos complexos para toda a Terra (BATESON, 1972; GIDDENS, 1991; MATOS; SANTOS, 2018; SIMPSON, 2020; STENGERS, 2015). As consequências da nova época já não são tão distantes no tempo e no espaço, ou totalmente desconhecidas, vide a recente enfermidade epidêmica amplamente disseminada do SARS-COV-2.

No Brasil, a subtração da sociobiodiversidade foi iniciada há mais de quinhentos anos. Neste processo, os mais afetados foram, e ainda são, as comunidades não-majoritárias, que possuem ligação direta com a terra, que vivem correndo riscos e resistindo às violências. Além disso, estas são ameaçadas e estão perdendo seus espaços geográficos junto com a dissolução de suas características culturais, em favor da narrativa homogênea e superficial, que conta uma história que suprime a diversidade e nega a pluralidade de vida, de existência e de hábitos (KRENAK, 2019; LATOUR, 2020; MORAES *et al.*, 2017).

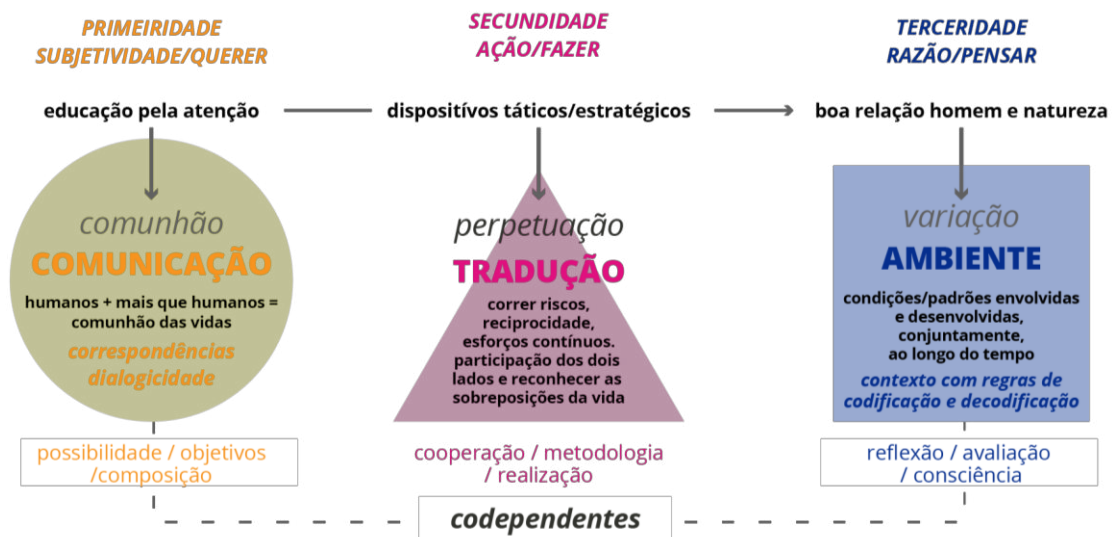
A percepção diante das crises ecológicas, da crise da significação e da produção de uma única semiosfera que permite a cultura industrial ser o que é, tem favorecido movimentos que buscam possibilidades para estar no mundo. Muitas alternativas vão contra o universo negacionista pregado pelos obscurantistas, e estão no sentido de construir compromissos que correspondem à vida humana com o meio que o envolve (LATOUR, 2020). Epistemologias ecologicamente coerentes e atenciosas que coaduna o binômio homem/natureza — não estão centradas apenas no homem civilizado — são apostas fundantes para éticas lúcidas, pois estas conseguem reconhecer as interdependências e como elas desafiam as hierarquias do domínio humano sobre o não-humano (BOEHNERT, 2018).

Aproximar-se de diálogos com quem produz outras verdades (que não seja a antropocêntrica) e que buscam futuros plurais, ao entender a natureza como um ser e não como um processo, por meio de uma política de conservação sem hierarquias, é uma dessas. Neste sentido, a disposição por contribuir e difundir com alternativas que estão direcionadas a co-reparar em vez de produzir e criar produtos, materiais e serviços, novos e “sustentáveis”, deu início a esta pesquisa em Design que objetiva dar luz a dois conceitos: dispositivos táticos/estratégicos/de

conversação e educação atencional. Estes, quando associados ao conhecimento projetual, científico e empírico, e articulados com a vida social-comunitária, o fazer (trabalho), a natureza e a cultura, como nos movimentos sociais, podem auxiliar na emancipação de formas de pensar e fazer Design, na conservação da sociobiodiversidade (CdS) existente e na construção de um presente mais coletivo e plural. Em síntese, designers que objetivam a CdS precisam projetar reconhecendo o ecossistema pesquisado, procurar pelas sinergias que criam fortalecimentos e enriquecimentos mútuos entre quem participa e associar parcerias e colaborações que promovem o enriquecimento cultural, social e ambiental de todos os envolvidos.

Nas seções seguintes são levantadas revisões bibliográficas em uma formatação influenciada pelas categorias fenomenológicas universais (primeiridade, secundidade e terceiridade) que fundamentam as diretrizes (possibilidades, objetivos, composição, cooperação, metodologia, realização, reflexão, avaliação e consciência) da abordagem Metadisciplina (SILVA *et. al.*, 2021). Entende-se estes como movimentos reflexivos, promotores de uma encruzilhada capaz de associar o conhecimento empírico, com o projetual e o científico. A Figura 1, a seguir, organiza estas estruturas. No tópico dois (primeiridade/subjetividade/querer), é apresentado a Educação Atencional articulada com as diretrizes – possibilidades, os objetivos e a composição – que direcionam a comunicação deste artigo. Em seguida, no tópico três, são apresentados os aspectos de secundidade/ação/fazer mediados pelos Dispositivos com as – cooperações já existentes, com algumas metodologias possíveis e como tem sido utilizado esses instrumentos (realização). Por fim, o último tópico (quatro) traz aspectos de terceiridade/razão/pensar para construir – reflexões, avaliações e consciências – com aqueles que buscam a Conservação da Sociobiodiversidade em seus projetos situados.

Figura 1 – Estrutura com as diretrizes que articulam o artigo.



Fonte: Autores, 2022.

2 Primeiridades/Possibilidades/Querer

A partir do distanciamento da visão de mundo e da produção científica moderna surgem novas possibilidades. A Ecologia Política, as Ciências Ambientais, a Geografia Humana, a Antropologia de abordagem ecológica, ontogenética, cosmopolítica e situada e a vivência de pesquisadores decoloniais e ativistas feministas, indígenas, de classe e de raça em sua produção científica,

têm contribuído no repensar das relações dicotômicas e na busca por compreender as multi-agências e emaranhados das vidas/coisas. Suas contribuições são fundamentais para auxiliar na sustentação de diversos tipos de vida, e na diminuição das crises ambientais, provenientes, principalmente, da perda da conexão da sociobiodiversidade que compõem a Terra, que afetam a integridade dos ecossistemas e a capacidade da natureza de fornecer os serviços para que outras espécies possam se beneficiar (ACOSTA, 2016; BOEHNERT, 2018; ESCOBAR, 2015; LATOUR, 2019, 2020).

2.1 Possibilidades

Ingold (2020), um antropólogo britânico reconhecido pelo seu caráter inovador e provocativo, tem divergido dos pressupostos basilares das ciências modernas em suas pesquisas. Em um dos seus enfoques, ele propõe evidenciar o modelo de Educação Atencional e associá-la a sua percepção de Antropologia: educacional em sua constituição, aberta e cocriativa, e que, portanto, vai além de etnografias puramente descritivas e reflexivas sobre os outros. Para ele, é necessário três princípios bases: comunicação, com sentido influenciado pelo radical “comum”, para reativar o sentido de comunhão/comungar da/a vida; perpetuação, que entende e respeita a sobreposição da vida, e valoriza a reciprocidade, os esforços contínuos e a necessidade da participação dos dois lados para continuação dos diversos tipos de vida, e ambiente, uma variação que molda as condições envolvidas e desenvolvidas ao longo do tempo, em um padrão de atividade conjunta, com contexto e com regras de codificação e decodificação. A comunhão (comunicação) e a variação (ambiente) são codependentes, e ambas são necessárias para a continuidade da vida. Não pode haver movimento, crescimento e vida no compartilhamento da experiência, a menos que haja variação no que cada participante traz dela.

Enquanto o modelo moderno, tradicional, transmissional e inculcador, pressupõe indivíduos amplamente independentes uns dos outros, o autor convida seus leitores a entenderem a Educação como um emaranhado criativo de vidas/coisas no modelo atencional. Esta é uma forma alongada e contínua de viver “um processo eternamente renovado de agir sobre o ambiente e de ser afetado pelo mesmo, juntamente com a instituição das relações entre o que é feito e as coisas pelas quais passamos”, de dar cuidado, de esperar, de estar presente, de ir junto e de sentir saudade - lembrar presenças do passado, imaginando futuro. A Educação é a participação na vida dos outros. Nesse sentido, pressupõe um agrupamento de experiências. Para fazer isso, todos (humanos e coisas) devem buscar alinhar, constantemente, sua experiência à dos outros. A perspectiva de Ingold (2015), por sua vez, também valoriza o “movimento” e a “experiência” de, por exemplo, caminhar ao ar livre em diferentes ambientes. Para o autor, a caminhada é um processo de aprendizagem reflexivo contínuo, centrado em e sobre o ambiente próximo.

Para sermos educados nesse modelo possível, Ingold (2020) indica assistir ao processo interminável de correspondência da natureza da vida, ou seja, observar de forma ativa os seres ou coisas por meio do diálogo participativo ao longo do tempo, em um sentido transversal de atenção - “caminhando/indo junto com”. Já para educar (ou projetar) é indicado abrir, se expor, mas também estar atento, no sentido de ouvir, de cuidar e de praticar a correspondência. Com essa perspectiva, a Educação deixa de fazer parte de uma relação vertical. Todos os participantes oferecem e recebem e modulam, continuamente, suas experiências na busca por transformações. Além disso, comungar implica a variação, ou seja, cada um possui suas diferenças. Em um processo de correspondência a semelhança faria pouco sentido. São as diferenças e os ajustes requeridos que constituem a abertura e a dinâmica do processo de construção de possibilidades.

2.2 Objetivos

Inspirado na comunhão aberta e dinâmica, os objetivos devem projetar resultados esperados, sentidos/decididos coletivamente. Para isso, no processo tático de Design para a construção coletiva, é importante harmonizar os desejos de aprendizagem dos elementos do território (empírico) com o que o designer deseja/tem para contribuir, compondo o conteúdo coletivo que será trabalhado *in loco*. Acredita-se que desse modo o Design possibilita a articulação e auxilia no autoconhecimento, como espelhos que fazem com que indivíduos possam reconhecer a própria cultura e passem a questionar, a compreender e a dar importância de manter viva suas características subjetivas e identitárias. Para DiSalvo (2009) são as táticas de Design que possibilitam contornar ou negociar estratégias (expressões e estruturas de poder) em direção aos objetivos e desejos coletivos.

Alguns caminhos possíveis para projetos que visam a CdS dizem respeito a coprodução de significados, no processo de ressignificação de tradições; a coprodução de materiais, por meio do uso das tecnologias que associam os conhecimentos científicos aos empíricos, e a coprodução de conhecimentos, ao legitimar pesquisas por meio da busca de soluções naturais autóctones com participação efetiva da sociedade. A busca por uma conservação, além de respeitar o que já existe, pode melhorar a qualidade das relações entre os diversos tipos de indivíduos da natureza e caminhar para o desenvolvimento de estratégias/táticas participativas que visam ativar outras transformações semelhantes.

2.3 Composição

Quando o Design perpassa à Educação Atencional, a Antropologia de abordagem ecológica e outras disciplinas que se opõem às bases modernas, ele pode tornar-se propulsor do fortalecimento do sentido de pertencimento e da autonomia comunitária. A partir de uma estrutura organizada e planejada de elementos selecionados a partir de consensos e acordos entre o designer e os elementos diversos do território, é possível se aproximar das múltiplas possibilidades e abraçar como as pessoas e coisas podem ser apresentadas e não representadas, e, acima de tudo, como podem responder umas às outras, nos emaranhados que compõem a natureza da vida.

A disposição atencional é sobre conduzir a vida e dar atenção ao mundo e aos outros. Não é apreender, muito menos se resguardar, mas um libertar e se permitir se expor (INGOLD, 2020). O educador/projetista é, portanto, um mediador capaz de prover inspiração, orientação e crítica na busca pela narrativa que está fundamentada não na Pedagogia, mas nas Práticas Participativas. Esta composição orientada para o futuro, aberta e cocriativa - com os outros e não sobre os outros - se associados e articulados com o Design, pode ser propulsora de pensamentos e ações mais autônomas e libertadoras capazes de trazer outras vidas para sustentá-las, por quanto tempo for necessário, para que elas, por sua vez, gerem mais vida.

3 Secundidades/Ação/Fazer

Desde a década de 70, autores como Bonsiepe (1978) e Papanek (1971) introduziram críticas às práticas e teorias do Design para se pensar em possibilidades de libertá-lo de fundamentos instrumentais, repetitivos, lineares e restritivos da modernidade, para poder equacionar os desafios do mundo complexo associados a sistemas ecológicos, sociais e econômicos. No Brasil, ainda na mesma década, começou-se a discutir assuntos que associavam o Design às

questões ambientais e sociais por meio de articulações que apoiavam os setores de Tecnologia e Meio Ambiente com vistas às inovações para empresas e comunidades, mediando problemas reais e mapeando as particularidades dos territórios e de seus ocupantes. Além de propor estratégias/táticas apropriadas para cada contexto, em harmonia com o entendimento da sociobiodiversidade existente, eram realizadas discussões que visavam articular o Design com outras disciplinas (LACERDA; GUIMARÃES, 2017).

Recentemente, os designers Ceshin e Gaziulusoy (2020) e Fry (2018; 2020) concordam que o principal desafio deste Design que desde a década de 70 caminha em direção ao pensamento sistêmico e à produção de práticas transdisciplinares e colaborativas, diz respeito a contraposição dos paradigmas tecno-científicos eurocêntricos. Bateson (1972) e Boehnert (2018) acreditam que para essa cultura se aproximar de um cenário que se distancia das falácias epistemológicas modernas, é preciso se fundamentar na crença de que: a mente e a natureza são dependentes uma da outra; que os seres humanos não estão separados do resto do mundo natural; que as abordagens instrumentais do conhecimento não podem descrever uma verdade objetiva; que o mundo natural não-humano tem agência própria, e que, por meio da inclusão das subjetividades para um redimensionamento do lugar e do território em que o sujeito está inserido, é possível valorizar as coexistências e movimentos horizontais e comunitários que buscam por soluções.

O foco nos dispositivos nesta seção é uma proposição tática que pode instigar práticas para proposição de projetos que buscam a Conservação da Sociobiodiversidade e a consideração dos pluriversos¹ por meio da atenção, de diálogos, e do respeito à natureza. Muitos dos projetos com este enfoque têm se arriscado para projetar e se organizado para fortalecer redes/laboratórios/estúdios/coletivos que visam tecer e aprimorar uma cultura crítica ao Design moderno focado na objetivação dos signos.

3.1 Cooperação

A cooperação acontece sempre que duas ou mais pessoas/coisas se reúnem e interagem a fim de fazer algo que produz algum sentido e onde fica evidente a configuração elaborada em conjunto para chegar ao(s) objetivo(s). Para otimizar as cooperações possíveis sugere-se utilizar dispositivos como meios para construção de consensos e de processos complexos interconectados.

Para Foucault (1987) os dispositivos são compostos pela diversidade, complexidade, mobilidade, encobrimento e articulação. Dispositivos são também os responsáveis por compor uma cadeia de relações que se formam entre um conjunto de elementos sógnicos heterogêneos. Esses elementos podem ser abstrações, como sentimentos e discursos não ditos; coisas que remetem a existência, como discursos ditos, instituições, *stakeholders*, organizações comunitárias e arquitetônicas e podem também se configurar como concordâncias, convenções, leis, regulamentos, medidas administrativas, conceitos, enunciados e proposições filosóficas, éticas e morais. O mesmo autor descreve que existe uma relação de alternância entre esses elementos que mudam de posição constantemente.

Dialogando com este mesmo autor, Anastassakis e Szaniecki (2016) propõem um conceito/ação chamado de dispositivos de conversação. Por meio da união do Design com a Antropologia, estes dispositivos auxiliam as pessoas envolvidas no projeto (de designers a cidadãos) a explorarem as questões emergentes no território por meio de táticas (cartazes, cartas, cartografias, etc.) que estimulam as conversas contínuas, indo além de uma

¹ Pluriversos é uma forma de entender o mundo por meio de práticas que são capazes de desafiar a ontologia moderna do universalismo em prol da multiplicidade de universos possíveis.

comunicação unidirecional que verticaliza os projetos. As autoras propõem que estes ativadores sejam utilizados quando as expressões e estruturas de poder ignorarem as demandas dos cidadãos.

Nesse sentido, os dispositivos/táticas/ativadores implicam a autorreflexão, o crescimento compartilhado, a percepção de contextos e são tudo aquilo que abrangem iniciativas dos participantes e a criatividade. São também propulsores de correspondências² e, consequentemente, de novas ideias. A apresentação desse tipo de tática projetual pode abrir espaço para ativar pesquisas e iniciativas qualitativas que possibilitam o diálogo entre o que é empírico, científico.

Por meio da cooperação, nos processos de correspondência, há uma orientação para se fazer/pesquisar/aprender/ensinar Design. Com atenção e estratégias/táticas colaborativas é possível construir conhecimentos e dar luz a aspectos sociais e subjetivos para o *lócus* em que se projeta, de modo que o que se produz são diálogos, interações e experimentos, que gradativamente coproduz não mais objetos, mas novos sentidos e conhecimentos.

Tham (2019) também defende a troca entre diferentes formas de conhecimento que desafiam hierarquias epistemológicas, a busca pela transdisciplinaridade e as cooperações horizontais que desafiam verdades ou soluções únicas. Os diálogos epistemológicos que têm emergido, abraçam perspectivas que desafiam a linearidade e a conformidade solucionista. Elas promovem práticas de reparo, cuidado, manutenção, entre outras, na área de Design. Ao desafiar a própria cultura moderna, a viabilidade dos De(u)signers tende a desaparecer. Nesta perspectiva, emergem designers responsáveis, capazes de escutar, que atuam por meio de correspondência e associações com a natureza (humano e não-humano), de maneira colaborativa.

3.2 Metodologia

São diversos os métodos de pesquisa científica e metodologias coprojetais que podem ser associados, para transformar uma realidade por meio da promoção de condições para que os indivíduos tenham autonomia. A metodologia nesta perspectiva representa um relato planejado que foi implementado, bem como as táticas utilizadas no andamento do processo para se chegar à variação (a conservação da sociobiodiversidade). É onde se descreve as condições envolvidas ao longo do tempo, em forma de um padrão de atividade conjunta, com o contexto e suas regras de codificação e decodificação.

Há uma existência histórica de uma natureza estratégica/tática dos dispositivos, que se configura por meio de um “método” de poder, que nasce de um saber a partir de problemas capciosos existentes em uma sociedade. Nesse “método” relacional o poder e o saber são igualmente condicionados pelo mediador (FOUCAULT, 1984). Para Foucault (1987) são aspectos dos dispositivos: a diversidade, a complexidade, a mobilidade, o encobrimento e a articulação. Para o autor, dispositivos são os responsáveis por compor uma cadeia de relações que se formam entre um conjunto de elementos sógnicos heterogêneos. Esses elementos se sobrepõem ao que se chama de episteme, por também considerar o que é abstrato, como sentimentos e discursos não ditos; e não apenas coisas que remetem a existência, como discursos ditos, instituições, *stakeholders*, organizações comunitárias e arquitetônicas e podem também se configurar como concordâncias, convenções, leis, regulamentos, medidas administrativas, conceitos, enunciados e proposições filosóficas, éticas e morais. O mesmo

² Correspondências são práticas de observação baseadas no diálogo participativo. É um sentido transversal de atenção - “indo junto com”. É também um processo pelo qual os seres ou as coisas correspondem ou respondem umas às outras ao longo do tempo.

autor descreve que existe uma relação de alternância entre esses elementos que mudam de posição constantemente. Para ele, nem todos os indivíduos possuem a facilidade de visualizar e praticar a composição dessa cadeia.

Deleuze (2003) entende os dispositivos como algo mais amplo ainda. Este utiliza o termo para caracterizar os procedimentos que, com linhas de forças, sucedem as organizações e diagramas, pois evidenciam a necessidade de salientar as fraturas e rupturas entre tensionamentos históricos e as possibilidades não esgotadas pelos agenciamentos concretos do poder. As linhas de forças que compõem os dispositivos se cruzam e se afastam, compondo um sistema aberto. Cada elemento é submetido a ruptura, ampliação e derivação. Objetos visíveis, enunciados e forças são vetores dessas linhas que fazem do pensar, do fazer e do querer cadeias de variáveis em movimento. Tornar visível e distinguir as linhas de forças e as linhas de fissuras e fraturas é como este conceito pode auxiliar.

Para Prado Filho e Teti (2013), os dispositivos são táticas/estratégias qualitativas de pesquisa, já que são avesso a todo movimento linear e envolvem processos singulares entre práticas de saber (empírico) e poder (científico), que, se articulado, tendo em vista o problema em torno do qual se organizam, podem produzir as subjetividades daqueles que estão sujeitos à sua ação ou que são objetos da sua ação. Seus objetivos são práticos e envolvem processos que buscam tanto objetivação quanto subjetivação dos sujeitos. A objetivação enquanto resultante do saber e poder produz “realidades”. Este tipo de resultado tem sido muito buscado pelas formas de poder modernas, pois configura as existências e subjetividades dos indivíduos como objetos para substituir o saber e o poder. Isto implica no controle de toda uma diversidade, resultando na produção de coisas concretas, presas a identidades (pre)visíveis. Já a subjetividade vista pela lente dos efeitos, produz as consequências das relações e das práticas empíricas e científicas, e este resultante implica em um movimento reflexivo do sujeito em relação a si, no sentido de reconhecer-se como sujeito de uma convenção ou de um preceito. Este processo reflexivo proporciona movimentos autopoieticos, e isso envolve práticas de si que visam a autoprojeção sobre o que é entendido como “verdade absoluta”. A produção de subjetividade pode ser entendida como a principal função de um dispositivo. Um dispositivo é ao mesmo tempo “conceito e prática, função e matéria, objeto e método, além de ser ainda alvo de estratégias de desmontagem e resistência” (PRADO FILHO; TETI, 2013, p. 50).

Neste caminho, Anastassakis e Szaniecki (2016) propõem um conceito/ação chamado de dispositivos de conversação. Por meio da união do Design com a Antropologia, estes dispositivos auxiliam na tradução de complexidades, envolvendo as pessoas no projeto (de designers a cidadãos), possibilitando a exploração das questões emergentes no território por meio de táticas (cartazes, cartas, cartografias, diagramas, procedimentos etc.) que estimulam as conversas contínuas, indo além de uma comunicação unidirecional que verticaliza os projetos. As autoras propõem que estes ativadores sejam utilizados quando as expressões e estruturas de poder ignorarem as demandas dos cidadãos. Nesse sentido, os dispositivos engajadores/táticos/ativadores implicam a autorreflexão, o crescimento compartilhado, a percepção de contextos e tudo aquilo que abrange iniciativa e criatividade. São também propulsores de correspondências e, conseqüentemente, de novas ideias. A apresentação desse tipo de tática projetual pode abrir espaço para ativar pesquisas e iniciativas qualitativas que possibilitam o diálogo entre o que é empírico e científico.

Os dispositivos estratégicos também possuem um papel tradutor, mediador e articulador que faz parte de um processo de Design estratégico desenvolvido a partir da identificação das competências organizacionais e da identificação de oportunidades existentes no território ao qual o pesquisador está inclinado (FREIRE *et al.*, 2020; SILVA *et al.*, 2019). Estes podem ser utilizados pelos projetos emergentes que buscam inovações disruptivas que pressupõem uma

abordagem metodológica qualitativa que se adequa aos problemas reais dos locais. Além disso, podem despertar possíveis cenários almejados pelos envolvidos no projeto. Para acionar essa prática visionária podem ser utilizadas diferentes táticas, como: o desenvolvimento de jogos, artefatos, tecnologias, serviços, sistemas e experiências para permitir o avanço dos projetos de qualificação dos participantes e de seus contextos de vida (FREIRE *et al.*, 2020).

No Design, os dispositivos objetivam fortalecer o sentido de pertencimento e a autonomia de comunidades. As metodologias relacionais podem ser essenciais para o aperfeiçoamento destes, pois por meio da relacionalidade torna-se possível reverberar uma semiosfera que se opõe a tudo que envolve o modelo vigente de produção, (re)ativar dinâmicas comunitárias e envolver diversos *stakeholders* (SILVA *et al.*, 2016; 2019). Após os dispositivos serem ativados, espera-se que permaneçam as inquietações para dar início a outras ações independentes (SILVA *et al.*, 2019).

Com o fortalecimento do que é vital do ser-ser torna-se possível causar impacto socioambiental positivo, melhorar a qualidade das relações entre os diversos tipos de coisas e indivíduos para caminhar rumo a construção de táticas/estratégias que visam ativar outras transformações semelhantes. Para que os designers especialistas consigam ser agentes produtores de dispositivos e possam contribuir significativamente nessa cultura projetual, é preciso buscar articular os ecossistemas que necessitam de reparo, “identificar potencialidades, fragilidades, oportunidades ou ameaças, mapeando o contexto e as tendências e projetando, por fim, cenários” (FRANZATO *et al.*, 2015, p. 176).

3.3 Realização

Pesquisadores decoloniais e ativistas feministas, indígenas, de classe e de raça, têm contribuído à crítica da modernidade e às formas pelas quais suas suposições privilegiam os interesses de certos grupos em detrimento de outros. Por meio de um esforço no combate à opressão, estes grupos têm demonstrado como as estruturas conceituais que refletem os interesses de pessoas poderosas são utilizadas para justificar a exploração tanto das pessoas marginalizadas quanto dos outros elementos do mundo natural. Por esta razão, suas contribuições são fundamentais para o trabalho epistemológico que precisa ser feito em prol da conservação da sociobiodiversidade.

Especificamente, dentro do Design, também tem surgido alternativas que se direcionam ao pensamento sistêmico e à produção de práticas transdisciplinares, colaborativas, que dizem respeito à contraposição dos paradigmas tecno-científicos eurocêtricos que codificam a linguagem que usamos, os objetos que criamos e as cidades que construímos (CESCHIN; GAZIULUSOY, 2020; MANZINI, 2016). As práticas de associação podem criar infraestruturas e interfaces tanto sociais quanto técnicas, nas quais novas formas colaborativas podem ocorrer, já que essa visão propõe a dissolução de hierarquias, a projeção de modo inclusivo e a consideração dos pluriversos (DEL GAUDIO, 2017).

As ações relacionadas aos conceitos discutidos até então podem ser encontradas em diversas universidades/coletivos/redes/laboratórios brasileiros que estão se fortalecendo para tecer uma nova cultura projetual, com o intuito de causar impacto positivo e melhorar a qualidade das relações socioambientais.

4 Terceiridades/Razão/Pensar

Aprender sem composições hierárquicas ou lineares com aqueles que possuem uma boa relação com o ambiente que o circunda, é uma decisão de alta complexidade, por não haver metodologias científicas ou projetuais a serem seguidas à risca. Além disso, devido às

influências do período moderno, a maioria dos sujeitos civilizados não reconhecem e nem compartilham o mesmo território. Isto dificulta a percepção das associações de variação com o ambiente circunscrito, já que não se consideram como parte do seu “meio ambiente”.

Seguindo essa compreensão, buscou-se entender neste tópico o que os designers tradicionais, importantes articuladores na constituição desenvolvimentista de um mundo homogêneo e moderno, precisam/podem fazer para buscar a compreensão de que a maioria dos seres humanos estão perdendo, cada vez mais, a capacidade de reconhecer, manter, respeitar, as possibilidades plurais de pertencimento no mundo, e para romper com a cultura que supervaloriza o homem civilizado e seu bem-estar e que, conseqüentemente, devasta a biodiversidade de todo o mundo. Nesta seção são apresentados alguns diálogos com pensadores que direcionam algumas possibilidades/considerações para o enfrentamento das forças externas, mas de um modo capaz de dar visibilidade a um presente capaz de ser projetado de forma coletiva, plural e sem isenção política.

4.1 Reflexão

A partir desse panorama, a primeira consideração deriva da química, filósofa e historiadora das ciências, Isabelle Stengers (2018), que reconhece e propõe a repolitização das ciências, de modo a conectar essa “nova ciência” a novas práticas, devendo estender-se também à natureza não-humana ou mais que humana, isto muito se assemelha ao terresistir que Rufino, Camargo e Sanchez (2020) propõem, ao descrever sobre a perspectiva da terrexistência³ como política e poética descolonial. Além disso, Stengers (2015) propõe que, nessa transição, sejam utilizadas estratégias que não transformem os usuários em utilizadores nem os praticantes em profissionais submissos. Com o reagrupamento da ciência com a política, os objetos dinâmicos - humanos e não-humanos - determinam os signos reunindo boa vontade com o sentimento de destruição do sentimento de impotência coletiva, sobre o qual os interpretantes finais, eventualmente, estabeleceriam uma dinâmica capaz de engajar “produtores de possibilidades”. Desse modo, é possível repovoar um mundo hoje devastado pela destruição das capacidades coletivas de pensar, imaginar e criar (STENGERS, 2015).

Outro pensamento apresentado neste diálogo diz respeito a uma possível percepção pela busca da compreensão do caráter simultaneamente consistente, transitório e aberto do social. Este olhar, encontrado na Antropologia enquanto prática de educação, possibilita refletir sobre as associações entre não-humanos e humanos e como elas operam no âmbito do desenvolvimento do conhecimento (INGOLD, 2019).

Para superar o futuro que vem sendo proposto e as distinções teóricas tomadas como dadas, Rufino, Camargo e Sanchez (2020) e Toren (2021) sugerem abandonar as ficções coloniais que favorecem as polarizações, dialéticas e dicotomias, como o global/local, direita/esquerda, progressista/conservador, natureza/cultura, orgânico/inorgânico, vivo/não-vivo e humano/não-humano, já que estas, por serem aspectos um do outro, em vez de separados e dialeticamente relacionado a fenômenos, não capturam adequadamente nossas experiências cotidianas no mundo e nossas relações com os outros. Neste mesmo sentido de orientação para superação do futuro moderno, também é sugerido terresistir atraindo-se aos movimentos semelhantes aos terrexistentes — humanos, símbolos vivos de resistência, que não fazem separação entre mente e corpo e natureza e cultura, que viveram o contexto de privação de suas terras de forma ainda mais violenta, nas “grandes descobertas”, durante os

³ Terrexistência é uma condição constitutiva ecológico-existencial, dos viventes capazes de compor sociedades simbióticas com a natureza por meio de dinâmicas sociais ecologicamente harmônicas em relação ao tempo ecológico e ecossistêmico. Em resumo, é uma forma de viver que busca afinar sujeitos, comunidades e o tempo da natureza.

processos de colonização europeia nos países do sul Global.

4.2 Avaliação

Não existe um *script* para atuar no âmbito da Conservação da Sociobiodiversidade, mas é preciso que haja uma identificação (diagnóstica, formativa e somativa) do que está sendo ou será avaliado durante a ação. A busca por uma forma de avaliação pode fazer o projetista refletir sobre a desconstrução de futuros modernos para construção de esperanças e coragens que evitam as armadilhas da política razoável. Esta configuração avaliativa pode contribuir com a construção de alternativas teóricas e metodológicas que abrangem conexões e interdependências, tornando visíveis os universos silenciados pela cultura industrial que evoca um único universo com objetos, nomes, imagens e localizações plenamente aceitos.

O Design quando feito com atenção e mediado por dispositivos pode permear, perpassar, tangenciar e atravessar os futuros para pensar outras éticas que consideram as subjetividades, que se aproximam de todos os seres existentes no ambiente e que visam a Conservação da Sociobiodiversidade. A avaliação pode ser um exercício de distanciamento de todo o processo, o que pode auxiliar a ativar outras pesquisas que considerem as atividades do território de modo holístico (ambiental), e que haja correspondências em uma postura atencional (social) com as teorias (atencional e ecológica) e práticas (dispositivos) focadas nas subjetividades (mental) e se relacionem com atos imaginativos que lançam as experiências por caminhos colaborativos.

4.3 Consciência

É fato que a melhor conservação de toda pluralidade, que emergiu naturalmente ou foi produzida pelo homem, e a promoção de cenários disruptivos, só serão alcançadas quando as convenções (ética moderna) predominantes forem modificadas e a cultura fundamentada na responsabilidade ética coletiva for reconhecida.

Aqueles coletivos que conseguem entender que o futuro é agora estão buscando o diálogo. Como já descrito, esse caminho também tem sido uma realidade em forma de persistência dentro do Design e de outras disciplinas que buscam aprender considerando a comunhão (comunicação), a perpetuação (tradução/ativação) e a variação (ambiente). No Design, a valorização das correlações por meio dos dispositivos, além de facilitar a tangibilização entre todos os elementos do ambiente do sistema projetado, pode promover projeções de futuros comunitários; para superar e cultivar emergências, perspectivas, atitudes e posturas e para viabilizar novas maneiras que contribuam para mobilização e incorporação do projeto coparticipativo e evolutivo no território pesquisado. Acredita-se que, deste modo, é possível (i) entender a situação da conservação adquirida e produzida diante da própria trajetória do envolvido, bem como do território em que este se insere; (ii) relatar as estratégias que buscam autonomia e que são capazes de melhorar a qualidade de vida em comunidades não-majoritárias, de modo a respeitar e incluir as diferenças para inspirar outros projetos, e (iii) também pode ser possível construir éticas que abrangem o mais que humano, na prática, a relacionalidade e a interdependência.

A consciência, é a constante busca por desenvolver um pensamento autônomo que perdure para além do período de aplicação do Design, transformando as biodiversidades em impactos positivos para todos os envolvidos no local. Para isso, a crítica ao antropocentrismo é fundamental, pois aponta para a necessária reconexão do indivíduo com seu semelhante e com a natureza que ele habita e que se conecta com ele, como uma coisa só.

Nesse sentido, o Design pode operar a partir do momento de tomada de consciência e de análise crítica e reflexiva por parte do designer, indivíduo de subjetividades, sem o qual a prática do Design sequer existe. A partir desse momento, é possível fazer existir um Design que contribua para a democratização dos saberes e dos conhecimentos, e que torne possível, assim, a ascensão de novas narrativas, a repolitização dos territórios, a ressignificação das culturas, o surgimento de histórias plurais, que contam sobre aqueles que por tanto tempo foram vencidos, e não vencedores: as histórias não contadas.

Os elementos modernos, objeto de crítica deste texto, surge como sintoma da ética cartesiana. O presente é o momento de se adotar novas convenções, que contemplem a necessidade de vida, e não só do ser humano. Já os conceitos trazidos podem ser tomados como um espaço de confluência de possibilidades, de convergência de caminhos que vão contra uma visão de tempo voltada ao futuro e ao progresso. Atenção e estratégias relacionais regidas por uma ética não antropocêntrica podem ser capazes de gerar o futuro que queremos: diverso, igualitário e voltado para as vidas. O Design precisa, cada vez mais, mudar o foco da experiência humana das “coisas” para as “próprias coisas”, recuperar a fraternidade (união) e favorecer os movimentos de inserção social na construção política e no processo de produção de alternativas para os pluriversos. Este novo *modus operandi* no Design ainda é recente, mas a prática fraternal e ecológica apresentada sempre existiram nos povos antigos e ainda resiste no meio dos povos originários.

5 Considerações Finais

A partir das nove diretrizes surgiram nove considerações apresentadas a seguir. Acredita-se que estas contemplam o início de uma congregação de pensamentos e iniciativas de conservação capazes de questionar os dualismos que simplificam as relações de vida em uma perspectiva que busca autonomia e libertação do contexto antropocêntrico, visando aperfeiçoar as novas formas de projetar, agora que o *modus operandi* moderno, pelo qual grande parte da sociedade foi influenciada por séculos, não faz mais sentido.

- I. Dialogar com métodos que possuem uma abordagem inter/transdisciplinar e multifacetada, a fim de contemplar a maior quantidade de elementos possíveis do sistema;
- II. Buscar a participação ativa dos atores humanos que possuem contato direto com a natureza – já que eles possuem conhecimentos, práticas e costumes empíricos e geracionais – de modo horizontal com atores externos (mais que humanos);
- III. Reconhecer que todos os atores do sistema ambiental em que se pesquisa (humanos ou não) estão em conjunto operando para melhorar o bem-estar da comunidade no território;
- IV. Favorecer o entendimento da complexidade existente;
- V. Promover a autonomia local por meio de dispositivos capazes de gerar sistemas recursivos;
- VI. Atentar para os atores locais e para o território; ou seja, dar cuidado, esperar, estar presente e caminhar junto;
- VII. Documentar e sintetizar graficamente as necessidades sociais para favorecer a comunhão com toda a sociobiodiversidade existente;
- VIII. Respeitar os diversos elementos do território, e
- IX. Buscar co-reparar o que está quebrado, prejudicado e oprimido, em vez de projetar e criar produtos, materiais e serviços, novos e “sustentáveis”.

Além dessas considerações é importante que projetistas/criativos questionem as estruturas das suas pesquisas/projetos que buscam promover futuros alternativos que visam a regeneração socioambiental e contribuem para uma nova forma de fazer ciência, com perguntas como: O elemento “design” que tem sido aplicado gera benefícios para todos, ou para maioria do sistema, ou irá privilegiar poucos indivíduos? O conhecimento especializado está a serviço da humanidade ou de uma ideologia, um partido, ou simplesmente uma instituição que só visa a certos fins, como o lucro, por exemplo? Existe uma autorregulação dos sistemas (abertos) no projeto? Existe uma abertura para outras cosmovisões (pluriversos)?; O projeto entende o ambiente como um meio para assegurar a qualidade de todos os seres da natureza? O projeto rompe com os limites disciplinares e vai além de produções de produtos e serviços?

6 Referências

ACOSTA A. **O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos**. São Paulo: Autonomia Literária/Elefante, 2016.

ANASTASSAKIS, Z.; SZANIECKI, B. Conversation Dispositifs: towards a transdisciplinary design anthropological approach. *In*: SMITH, R. C.; VANGKILDE, K. T.; KJAERGAARD, M. G.; OTTO, T.; HALSE, J.; BINDER, T. (Org.). **Design Anthropological Futures**. London: Bloomsbury, 2016. p. 121-138.

BATESON G. **Steps to an ecology of mind**. Chicago: University of Chicago Press, 1972.

BOEHNERT, J. **Design, ecology, politics towards the Ecocene**. London: Bloomsbury Publishing, 2018.

BONSIEPE, G. **Teoría y práctica del diseño industrial: elementos para una manualística crítica**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1978.

CESCHIN, F; GAZIULUSOY, I. **Design for sustainability: a multi-level framework from products to socio-technical systems**. Londres: Routledge, 2020.

CRUTZEN, P. J.; STOERMER, E. F. The Anthropocene. **IGBP Global Change Newsletter**, Stockholm, n. 41, p. 17-18. 2000.

DEL GAUDIO, C. Os desafios para o design no âmbito social e as perspectivas futuras: o conceito de infraestruturação e a redefinição do papel do designer. *In*: OLIVEIRA, A. J.; FRANZATO, C.; DEL GAUDIO, C. **Ecovisões projetuais: pesquisas em design e sustentabilidade no Brasil**. São Paulo: Blucher, 2017. p. 65-80.

DELEUZE, G. **Deux régimes des fous**. Paris: Minuit, 2003.

DISALVO, C. design and the construction of publics. **Design Issues**, Londres, v. 25, n. 1, p. 48-63. 2009.

ESCOBAR, A. Degrowth, postdevelopment, and transitions: a preliminar conversation. **Sustainability Science**, New York, v.10, p. 451-462. 2015.

FOUCAULT, M. “Sobre a história da sexualidade”. *In*: MACHADO, R. (Org.). **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1984, p.243-276.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1987.

FRANZATO, C.; DEL GAUDIO, C.; BENTZ, I.; PARODE, F.; BORBA, G.S.; FREIRE, K.M. Inovação cultural e social: design estratégico e ecossistemas criativos. In: FREIRE, K. (Org.). **Design estratégico para a inovação cultural e social**. São Paulo: Kazuá, 2015. p. 157-182.

FRY, T. **Defuturing**: A new Design Philosophy. London: Bloomsbury Publishing 2020.

FRY, T. Design, a Philosophy of Liberation and ten considerations. **Strategic Design Research Journal**, Porto Alegre, v. 11, n. 2. 2018.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 2002.

HARAWAY, D. Antropoceno, capitaloceno, plantationoceno, chthuluceno: fazendo parentes. **ClimaCom Cultura Científica**, Campinas, ano 3, n. 5, p. 139-146. 2016.

INGOLD, T. **Antropologia e/como educação**. Petrópolis: Vozes, 2020.

INGOLD, T. **Estar vivo**: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Petrópolis: Vozes, 2015.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras. 2019.

LACERDA, A. C. G.; GUIMARÃES, L. H. Origens das preocupações com sustentabilidade no campo do design: o caso do projeto juramento - CETEC. In: BRAGA, M. C.; ALMEIDA, M. G. DIAS, M. R. A. C. (orgs.). **Histórias do Design em Minas Gerais**. Belo Horizonte: EdUEMG, 2017. p. 163-182.

LATOUR, B. **Jamais fomos modernos**. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 2019.

LATOUR, B. **Onde aterrar?** Como se orientar politicamente no Antropoceno. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

MANZINI, E. Design culture and dialogic design. **Design Issues**, Londres, v. 32, n. 1. 2016.

MATOS, S. M. S.; SANTOS, A. C. Modernidade e crise ambiental: das incertezas dos riscos à responsabilidade ética. **Trans/Form/Ação**, Marília, v. 41, n. 2, p. 197-216. 2018.

MORAES, N.R.; CAMPOS, A.C.; MÜLLER, N.M.; GAMBA, F.B; GAMBA, M.F.D.D.F. As comunidades tradicionais e a discussão sobre o conceito de território. **Revista Espacios**, v. 38, n. 12. 2017.

PAPANEK, V. **Design for the real world**: human ecology and social change. New York: Pantheon, 1971.

PRADO FILHO, K.; TETI, M. M. A Cartografia como método para as ciências humanas e sociais. **Barbarói**, Santa Cruz do Sul, n. 38, p. 45-59, jan./jun. 2013.

RUFINO, L. R.; RENAUD C, D.; SÁNCHEZ, C. Educação Ambiental Desde El Sur: A perspectiva da Terexistência como Política e Poética Descolonial. **Revista Sergipana de Educação Ambiental**, São Cristóvão, v. 7, n. Especial, p. 1-11, 29 out. 2020.



SANTOS, B. S. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Editora Almedina, 2020.

SILVA, A. L. S. V. *et al.* **Metadisciplina: design, didática e semiótica na Educação**. Fortaleza: Senac Ceará, 2021.

SILVA, A. L. S. V.; QUEIROZ, A. C. L.; CAVALCANTE, L. S.; CARNEIRO, A. C.; OLIVEIRA, E. A. G.; Aplicação de dispositivos estratégicos em Design Social, no fortalecimento de identidade local. In: **Anais do 13º Congresso Pesquisa e Desenvolvimento em Design**. São Paulo: Blucher, 2019. p. 6036.

SIMPSON, M. The Anthropocene as colonial discourse. **Environment and planning D: society and space**, Thousand Oaks, v.38, n.1, p. 53-71. 2020.

STENGERS, I. **No tempo das catástrofes**. São Paulo: CosacNaify. 2015.

THAM, M. Dirty Design (or A Bloody Mess): In Celebration of Life Affirming Design." In: **Design and Nature: A Partnership**. FLETCHER K.; PIERRE L.; THAM M. Londres: Routledge, 2019. p. 136-143.

TOREN, C. Mente, materialidade e história: como nos tornamos quem nós somos. In: BANNEL, R.; MIZRAHI, M.; FERREIRA, G. (orgs.) **Deseducando a educação: mentes, materialidades e metáforas**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2021. p.181-206.

TSING, A. L. **Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no antropoceno**. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.